

FH descarta aumento político para o salário-mínimo

Em entrevista à TV Senado, presidente diz que 98 será ano de austeridade e que reajuste será apenas 'o que for possível'

Adriana Vasconcelos

• BRASÍLIA. O ano eleitoral não garantirá um aumento maior para o salário-mínimo. Em entrevista à TV Senado, o presidente Fernando Henrique disse ontem que 98 será um ano de austeridade para o Governo. Segundo o presidente, o mínimo receberá o aumento que for possível ser dado e lembrou que um dos fatores que ajudam a empurrar esse reajuste para baixo é a sua vinculação ao piso dos benefícios da Previdência. Ele destacou que o déficit da Previdência este ano chegará a R\$ 5 bilhões e poderá dobrar em 99, o que exige a aprovação imediata da reforma previdenciária. Para Fernando Henrique, qualquer postura no ano eleitoral que não seja de austeridade será burrice política. O presidente advertiu que se engana quem pensa que dinheiro ganha

eleição, muito menos para presidente. Ele disse ainda que tem pena daqueles que acham que vão ganhar eleição na gritaria ou xingando. Na sua opinião, vencerá a eleição quem inspirar confiança e for capaz de manter a esperança da população.

Estes são os principais pontos da entrevista:

• SALÁRIO-MÍNIMO: "Não é porque estamos num ano eleitoral que vou dar um reajuste maior ou menor para o salário-mínimo. Vou dar o que é possível. Eu cumprir o que prometi, dobrei o mínimo, enquanto a cesta básica só subiu 10% desde que o Real foi lançado. R\$ 120 é pouco, mas temos de ver como era. Está bem que precisa aumentar, mas isso não pode ser fruto de um simples decreto. Temos de ver essa questão objetivamente. O aumento do

mínimo implica o aumento do piso dos benefícios da Previdência. Isso não pode provocar inflação, pois não adianta dar com uma mão e tirar com outra".

• ELEIÇÕES: "Meu comportamento e do Governo no ano eleitoral, sendo ou não candidato, será de austeridade. O que poderia deteriorar uma relação de confiança é ser acusado de estar fazendo o oposto do que a população deseja. Qualquer postura diferente é burrice política. Se não for por outras razões, por talento político não iríamos conviver com um sistema de gastos desenfreados por razão eleitoral. Hoje, eleição depende de postura, não de gritaria e até me dá uma certa pena de quem acha que ganha eleição xingando. Isso não dá mais, o Brasil é outro. ganha ou perde eleição quem inspirar con-

fiança e for capaz de manter a esperança da população. Não adiantar tentar tapar o sol com a peneira, é certo que não está tudo bom, tem coisa que independe de mim, às vezes tento e não dá certo, mas o importante é ter vontade de mudar e não há de ser com dinheiro. Quem imagina que ganha eleição com dinheiro está enganado. Dinheiro não ganha eleição, muito menos de presidente da República".

• BARGANHAS: "Às vezes, transformam um pleito justo em barganha. Pois então olhem no D.O depois das votações e vejam se as denúncias eram verdadeiras. A relação entre o Executivo e o Legislativo não é móvida por barganhas, mas por negociações legítimas que não são feitas por debaixo do pano. É incrível como a cada votação importante se cria um clima. É uma

má política julgar intenções".

• AGRADECIMENTOS: "Quero agradecer ao Congresso Nacional. Eu, que fui senador por 12 anos, sei que a democracia implica paciência. Temos liderança no Senado e na Câmara. As duas Casas têm tido sensibilidade para atender as aspirações do Brasil. É natural que às vezes tenhamos choques de ponto de vista".

• CRISE ASIÁTICA: "Reagimos rapidamente e mostramos que a situação do Brasil é diferente dos países asiáticos. Hoje somos a sétima ou oitava economia do mundo, temos uma renda per capita de US\$ 5 mil e temos um sistema financeiro saneado, graças ao Proer. Uma das nossas vulnerabilidades é a poupança interna que ainda é baixa. As exportações são importantes e geram divisas, mas nossa grande for-

ça é o mercado interno".

• DESEMPREGO: "Não podemos cair no catastrofismo, mas temos de tomar cuidado para que não se repita no Brasil o que está acontecendo em alguns países da Europa. A nossa taxa de desemprego tem tido uma oscilação pequena e nosso nível de atividade está crescendo. É claro que em alguns lugares, para que perde o emprego, a situação é dramática".

• SERVIDORES: "As reformas administrativa e da Previdência não vão prejudicar os servidores. Eu e o Congresso, juntos, não faríamos essa loucura. Essas são propostas que estão sendo discutidas há três anos e se fossem absurdas não teriam avançado. Essa gritaria dos contra dizendo que o servidor será prejudicado não passa de propaganda enganosa". ■